

UMA ANÁLISE DESCRITIVO-ANALÍTICA DE PESQUISAS SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE NA ÁREA DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Guilherme de Souza Vieira Alves¹
Vanessa Cristina Sossai Camilo²
Marcia Cristina Argenti Perez³

RESUMO

O objetivo geral da presente investigação é o de analisar a perspectiva de formação docente em algumas pesquisas acadêmicas que se debruçaram as questões da Educação Sexual. Este estudo é resultado de uma pesquisa bibliográfica descritivo-analítica desenvolvida no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização (GEPIFE-UNESP CNPq), no contexto do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara/SP, durante o período de 2020 e 2021. Utilizamos para tanto os fundamentos de pesquisadores da atualidade que justificam e defendem uma Educação para a Sexualidade de modo intencional, sistematizado e emancipatório. Como proposta metodológica, realizamos pesquisa na Biblioteca online da UNESP – FCLAr, a fim de filtrar os trabalhos acadêmicos que discutissem sob um viés formativo as temáticas da Educação Sexual e posteriores desdobramentos associados aos contextos da formação de professores. Enquanto achados da pesquisa, enfatizamos a síntese e apontamentos oriundos da discussão das principais pesquisas, nas quais entendemos que se propuseram a abrangência de ações e atividades interventivas destinadas ao desenvolvimento de/por uma Educação Sexual escolar de modo pluralizado, formal e sistematizado. Assim, dentre outros aspectos e após descrição dos materiais selecionados tanto pelas buscas acadêmicas, quanto pela realização de leituras independentes, foram evidentes a real necessidade de investimentos em Educação Sexual no que diz respeito às formações inicial e continuada, a fim de instrumentalizar os professores e educadores dos múltiplos níveis educacionais.

Palavras-chave: Educação Sexual, Sexualidade, Formação de professores, Análise descritiva, Aproximações.

1 Pedagogo. Mestre em Educação Sexual pela Universidade Estadual Paullista (UNESP), Pesquisador no GEPIFE UNESP-CNPq (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização) gsv.alves@unesp.br

2 Pedagoga. Mestra em Educação Sexual pela Universidade Estadual Paullista (UNESP), Pesquisadora no GEPIFE UNESP-CNPq (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização), vesossai@hotmail.com

3 Pedagoga, Mestra e Doutora em Psicologia (USP), Pesquisadora no GEPIFE UNESP-CNPq (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização), marcia.argenti@unesp.br

INTRODUÇÃO

Trata-se o presente estudo a apresentação de uma pesquisa bibliográfica descritivo-analítica desenvolvida no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização (GEPIFE-UNESP CNPq), no contexto do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras na Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara/SP, durante o período de 2020 e 2021, cujo objetivo e proposta metodológica direcionam-se na realização de um levantamento na Biblioteca online da UNESP – FCLAr, e de trabalhos acadêmicos que discutissem sob um viés formativo as temáticas da Educação Sexual e posteriores desdobramentos associados aos contextos da formação de professores.

A seleção dos materiais foi pautada na discussão da Educação Sexual voltados à Formação de Professores, na qual neste âmbito a literatura especializada reconhece a temática como essencial, complexa e diversa, tendo em vistas as discussões que apontam ora a Educação Sexual pelas ausências e silenciamentos, ora pelas lacunas e ponderações em momentos pontuais recorrentes durante o percurso educacional.

Pautamos os fundamentos conceituais elencados nessa perspectiva nos dizeres de Maia e Ribeiro (2011, p. 76) ao mencionar que uma educação sexual escolar “exige preparação e formação de profissionais para atuar nesta área”. E determinam ainda que esses processos educativos devem estar condicionados ao/à “planejamento, organização, objetivos, temporalidade, metodologia e didática” (p. 76).

Inferimo-nos enquanto educadores que tais prerrogativas não se distanciam da realidade vivenciada em outras instâncias educativas – ser professor exige preparo daqueles envolvidos nas práxis educacionais tanto pelas esferas da formação inicial, como também à continuada. Elementos responsáveis pela criação de uma atmosfera onde o/a professor/a seja corresponsável pela educação de princípios, valores para além de conteúdos formativos e institucionalizados.

Ao convergir com as afirmativas de Souza, Milani e Ribeiro (2020), assumimos uma postura que nos coloca na condição de comumente sermos educadores, o que nos difere de profissionalmente sermos professores/as. Citam os autores por esse respeito que:

Ser educador é contribuir para o amadurecimento intelectual e emocional que facilitará o processo de aprendizagem. Para tanto, faz-se necessário preparo e

formação para que cada indivíduo crie sua própria prática de educação através de suas reflexões baseadas em sua vivência (p. 100).

Figueiró (1998) explica a evolução histórica da Educação Sexual no Brasil, que segundo a pesquisadora, falar em educação sexual, é transpor o educando como sujeito ativo no processo de aprendizagem e não mero receptor de conhecimento.

E assim, refletimos sobre a seguinte questão: de que maneira ocorrem as formações em Educação Sexual nos múltiplos contextos da Educação?

Pesquisas direcionadas por Ribeiro (2004) ilustram ao pensamento de que ao abordar a importância de se trabalhar na escola aspectos da Orientação Sexual associada à sexualidade, esse fenômeno é histórico e presente na Medicina e Educação desde o início das primeiras décadas do século XX. Ressalta também que a sexualidade sempre foi um aspecto polêmico em nosso cotidiano brasileiro, uma vez que desde a Colônia do século XVI o comportamento masculino era intensamente libidinoso.

Figueiró (2010) menciona que entraves frente aos avanços em relação à Educação Sexual nas escolas não estão em consonância com o fato de que devemos levar a criança à reflexão, à informação de forma a contribuir de maneira responsável enquanto sujeito em desenvolvimento; portanto, capacitar todas as pessoas envolvidas no processo de aprendizagem, como professores, diretores, funcionários, pais e alunos.

Com a oficialização dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), por meio da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9.394/96, o Ministério da Educação (MEC) objetivou orientar os educadores em relação às propostas pedagógicas e às práticas, utilizando-se dos recursos didáticos “temas transversais”, caracterizando-se como obrigatoriedade no currículo educacional para a formação pessoal e social, sendo compreendido em todas as disciplinas, levando ao saber e ao educar para a cidadania; e dessa forma possibilitando que possam desenvolver e exercer a sexualidade com prazer, saúde e responsabilidade (BRASIL, 1998).

Nesse sentido, para organização dos conteúdos transversais nessa temática, dividiu-se em três partes de estudo: *corpo, relações de gênero e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis*, estando composta na grade curricular a Orientação Sexual. A sexualidade faz parte dos sujeitos desde a infância, entendendo-se imperativamente, portanto, que a escola se torna local adequado para trabalhar os direitos reprodutivos e sexuais na educação (BRASIL, 1998).

Conforme Moreira, Perez e Ribeiro (2013) a escola deve estar inserida no desenvolvimento dos sujeitos por ser um espaço que produz cultura, recebendo diversidade de pessoas, mediando aprendizados pela ética e compreendendo como isso ocorre. Faz parte da construção da identidade e da apropriação cultural inerente ao princípio educacional.

Por tais princípios, Maia e Ribeiro (2011) asseveram quanto a necessidade de cada vez mais ocorrer a Formação do educador, mas que esse educador receba formação acadêmica para a sua atuação e que seja capaz de compreender as manifestações de seus alunos a direcioná-los quanto aos temas, sendo necessária clareza de conhecimento histórico, cultural e científico.

Em consonância, Camilo e Perez (2019, p. 99) coadunam com as afirmativas ao mencionar a necessidade de que tais ações estejam engajadas nos contextos plurais da Educação Infantil. Para as pesquisadoras:

É preciso que se possibilite a formação inicial e continuada de forma a compartilhar conhecimentos para o trabalho na Educação Infantil, uma vez que esse saber não estava inserido no currículo da educação e se faz necessária a continuidade em busca de conhecimentos.

As referidas pesquisadoras afirmam também para a necessidade da criação de estratégias de intervenção, levando formação aos educadores, e a criação de materiais pedagógicos como recursos facilitadores do educar.

Estudo realizado por Alves e Perez (2021), revela o distanciamento existente na Formação em Curso de Pedagogia, mostrando o quanto assimétricas são as relações de Educação Sexual e Gênero distantes dos processos educativos necessários, intervindo em crianças cada vez mais sexualizadas por inferências de diversas nuances sociais. Afirmam os pesquisadores, assim:

Faz-se, portanto, necessárias formações, capacitações, criação de estruturas curriculares em cursos de Pedagogia que fomentem identidades do formador, das crianças, daqueles que (in)diretamente estarão em constante prestação de cuidados para e pela Educação Básica. Acreditamos veementemente que os/as educadores/as para que possam exercer suas práxis pedagógicas com competências e assertividades aos encontros das esferas em que as crianças possam se desenvolver com plenitude nos planos físico, social, emocional/afetivo, cultural e psicológico, necessitam de formações sólidas, baseadas não apenas em teorias da Educação, mas sim que (re)conheçam as demandas no que tange situações de enfrentamentos e, a essa constante que tenham consciência em um fazer docente pleno de conhecimentos e intervenções não sexistas em Educação Sexual (p. 160).

Assim, por mais de duas décadas após o surgimento dos PCNs, ainda reverberam questionamentos acerca dos posicionamentos em relação às práticas voltadas à

sexualidade, uma vez que aos professores e outros profissionais do ambiente escolar diante dos comportamentos sexuais dos alunos, há associações à falta de capacitação para lidar com a sexualidade por estarem inseridos em propostas pedagógicas focadas na religião higienista e heteronormativa (RIBEIRO, 2004).

METODOLOGIA

Como ponto de partida, selecionamos os materiais que mais pudessem contribuir para momentos de reflexões e que, a essa modelagem trouxessem novas ressignificações perante a combinação das leituras e das pesquisas realizadas a fim relativizarmos os achados em função dos objetivos propostos.

A esse respeito, atrelamos aos materiais sustentados como aportes teóricos sob as perspectivas defendidas pelos pesquisadores a algumas pesquisas que apontamos relevantes a esse ponto de partida, encontradas dentre outros espaços no repositório da Biblioteca da FCLAr – Faculdade de Ciências e Letras – Câmpus de Araraquara.

Assim, foram pesquisados na Biblioteca digital da UNESP Campus Araraquara 12 (doze) trabalhos com os termos descritos na busca integrada: “*Formação de Professores, Gênero e Sexualidade*”, sendo que dos quais utilizamos como critério de inclusão para considerarmos nessa pesquisa, além dos descritores na busca os seguinte elementos: *termos chaves* apontados nos *títulos*, descrição sucinta do trabalho pelo *Resumo*, e, contribuições da pesquisa em relação às *propostas e ações* para/por uma formação de professores/as em Educação Sexual. Ressalta-se que os trabalhos tanto se configuram ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, quanto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, em sua maioria do tipo Dissertação.

Diante dessas questões, salientamos também que caso houvesse maiores dificuldades quanto ao examinar os trabalhos encontrados, procuramos no contexto das leituras compreender o universo representativo de cada pesquisa, isto é, se o detalhamento das pesquisas correspondesse aos objetivos traçados como forma de discussão. Das pesquisas encontradas, todas foram examinadas considerando os critérios de inclusão/exclusão. Dos 12 (doze) trabalhos, 06 (seis) foram representativos aos examinarmos conforme descrições criteriosas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entrelaçamos os achados desse recorte temático, na tentativa de nos aproximarmos das pesquisas acadêmicas no tocante ao assumirmos posições de que pudessem haver maiores espaços para que a difusão da Educação Sexual aconteça de modo significativo, plural e intencional no âmbito escolar. Segundo Maia e Ribeiro (2011, p. 79-80) [...] “A educação sexual na escola respeita e problematiza o direito de cada cidadão viver seus valores morais, sem perder de vista o cuidado e o respeito de si mesmo e dos demais”.

Em *“Infância, gênero e educação infantil: percepções e ações na formação continuada dos educadores”*, percebemos o quanto a pesquisadora aproxima as questões históricas e sociais da Infância ao cotidiano escolar mais precisamente no intuito de averiguar e de intervir em relação às percepções dos educadores atuantes na Educação Infantil acerca da inserção dos temas de Educação Sexual no universo plausível de discussões frente as demandas existentes na formação continuada de professores.

Enfatiza ainda Camilo (2019) que após investigações e análises do processo formativo ficaram evidentes que há por parte dos educadores formas de inseguranças no fazer docente na Educação Infantil, oriundas da falta de experiências e ausências quanto ao desenvolvimento de assuntos relacionados à sexualidade e ao Gênero durante as trajetórias acadêmicas – formação inicial, e pela continuidade do processo educativo institucionalizado, pela formação continuada. Outros apontamentos ficaram direcionados à necessidade de utilização de recursos e materiais didáticos acessíveis a fim de se possibilitar mudanças de paradigmas, posturas profissionais, crenças, tabus e mitos vivenciados no âmbito escolar infantil.

Defende a autora a relevância ao cumprimento de direito e apropriação do conhecimento em Educação Sexual instituído como ferramenta contínua capaz de permitir que as crianças possam se desenvolver com plenitude seus valores e princípios, uma vez que ao se instaurar as temáticas nos processos educacionais para com os educadores na escola, as crianças têm maiores possibilidades de aprender em um ambiente não-sexista marcado pelas relações (des)iguais entre meninas e meninos.

Cruzamos tal pesquisa aos posicionamentos de Maia e Ribeiro (2011, p. 77-78) ao descreverem que deve haver intenção ao se propor e aplicar a educação sexual no âmbito escolar. Conforme os autores:

A intervenção sempre deverá ser feita por profissionais formados e capacitados nessa área e o trabalho planejado e sistematizado, com tempo e objetivo limitados, com ações que possibilitem informar, debater e refletir sobre questões da sexualidade com os educandos. Defendemos aqui uma iniciativa de educação sexual vá além da informação, que ultrapasse o sentido biológico, orgânico e profilático, e que compreenda a sexualidade e a saúde sexual como uma questão inerentemente social e política.

Pelo estudo de Costa (2009) intitulado “*As concepções de sexualidade de um grupo de alunas do curso de pedagogia: uma análise a partir do recorte de gênero*”, destacamos como a partir do recorte de gênero as alunas que já atuavam no espaço escolar enquanto professoras tomam conhecimento dos conceitos sobre sexualidade. Ressalta Costa (2009) que (a falta de) atitudes no contexto de sua pesquisa no que concerne o termo “sexualidade” ora ou não são enfrentados, ora a iniciativa pela orientação ocorre pela perspectiva biológica, baseada pelos princípios de Ciências, por meio de considerações e julgamentos de “certo” e “errado” em relação à vivência e ao gênero do sujeito.

Ao examinarmos a pesquisa de Borges (2017) – “*Educação em sexualidade, sexualidade e gênero: desafios para professoras(es) do ensino infantil*”, compreendemos o desenvolvimento em momentos significativos *in loco*, a considerar os fatos associados ao brincar por meninas e meninos com brinquedos tidos para esses ou aquelas crianças, bem como segundo narrativas da pesquisadora sobre alguns pontos que merecem destaques pela utilização dos sanitários pelas crianças na escola, e como as professoras vivenciam rotineiramente as relações Gênero e Sexualidade junto ao ensino e aprendizagem das crianças na Educação Infantil.

Afirma e conclui a pesquisadora que pontos positivos foram identificados, a saber a existência da sexualidade na Infância, como também se enfatiza ações que legitimam e limitam aspectos inerentes vividos pela sexualidade humana. Descreve Borges (2017, p. 106), assim que:

Reconhecendo a provisoriade que caracteriza as pesquisas sociais qualitativas e que os seus resultados permitem, apenas, uma aproximação da realidade social, concluímos que os resultados e as análises gerados através desta pesquisa apontam para a existência de demandas por formações continuadas de forma a oportunizar a professoras/es o desenvolvimento de

ações, didáticas, métodos e novas práxis para lidarem com as temáticas da sexualidade e relações de gênero – fatores sabidamente fundamentais para o desenvolvimento das capacidades crítica e politizada de crianças e adolescentes, buscando engajá-los politicamente na construção de relações humanas igualitárias e equitativas.

De todo, entendemos que ainda em pleno século XXI são escassas as pesquisas que tenham como objetivo maior dirimir aspectos voltados à análise da Educação Infantil face aos desdobramentos de Gênero e da Sexualidade. As pesquisas em seu matiz científico são determinadas ora por um viés altamente teórico, ora por uma investigação empírica baseada puramente em estudos observacionais, aplicação de questionário, ou por entrevistas. Percebe-se assim uma escassez consolidada em um arcabouço que contemple investigações que aproxime as práxis educativas à realidade da criança.

Em “*Sexualidade, educação sexual e gênero: uma análise destas temáticas nas produções de um programa de pós-graduação em educação sexual*”, Argenti (2018) explicita para além da trajetória histórica e das produções elaboradas pelos acadêmicos em Pós-Graduação no Programa de Educação Sexual, no intuito de averiguar como se apresentam os termos de Educação Sexual, Sexualidade e Gênero neste referido Programa. Assevera a pesquisadora que o Programa de Pós-Graduação também se faz notar porque:

possibilita a visibilidade à comunidade acadêmica e aos/as professores/as dos diferentes níveis de ensino o acesso aos conhecimentos, concepções, estratégias e intervenções no que se referem diretamente à educação sexual e a formação de professores (ARGENTI, 2018, p. 73).

Por sua vez, em “*Ser menino e menina, professor e professora na Educação Infantil: um entrelaçamento de vozes*” - de Ruis (2015), é possível identificar que a partir do constructo sobre gênero como um meio histórico, social e cultural os entrecruzamentos se fazem presentes nas relações cotidianas escolares entre meninos e meninas, professores e professoras na Educação Infantil, perpassando aqueles estipulados culturalmente pelos ditames dos padrões feminino e masculino. Assim, afirma Ruis a necessidade para que os professores e professoras deem ouvidos às falas das crianças, que permitam e possibilitem a execução de atividades educativas frente a minimizarem as relações de poder entre meninas e meninos, com seus brinquedos e brincadeiras para uma aprendizagem não-sexista.

Por Vieira (2014) em “*A construção dos saberes docentes: um olhar sobre as experiências de professores da disciplina de História acerca da temática de diversidade*

sexual”, pudemos abranger a prática docente em relação às demandas emergentes das pluralidades pertencentes ao universo da diversidade sexual no contexto escolar. O autor relata em sua pesquisa que os saberes docentes transitam com as próprias experiências adquiridas e não aqueles oriundos apenas da insuficiente formação inicial, uma vez que comumente em meio às práxis educativas os profissionais são responsáveis por categorizar os/as alunos/as que se excluem à produção do discurso de verdades – no espaço de respeito.

Problematiza ainda o pesquisador que os saberes decorrentes das experiências não o fazem como diálogos pertencentes à construção dos saberes, mas o determina à margem dos silenciamentos e inadequações numa obscura relação complexa com a diversidade sexual. Portanto, os professores/as carecem de políticas públicas que sejam capazes de sensibilizar novos saberes que dialoguem para com o outro, o diferente, e que permita a equidade e os direitos de pertencimento diante as demandas do universo escolar.

Aproximamo-nos de algumas possibilidades frente as pesquisas realizadas na Biblioteca a fim de verificarmos o quanto e de que forma as propostas e ações em Educação Sexual pelos sentidos das expressões de Gênero e de Sexualidade têm sido apresentadas às perspectivas educativas, mais precisamente à Formação de Professores. Enfatizamos assim, que embora algumas pesquisas não tragam os temas à tona ao título, ao examinarmos os Resumos e/ou conteúdos específicos dos trabalhos, percebemos a ênfase destinada aos objetivos do pesquisador na menção de ações formativas e de intervenção aos temas que nos reportamos como interesse investigativo.

De toda pesquisa pela referida base, podemos afirmar o crescente aumento em relação ao número de trabalhos defendidos nos últimos dez anos, na qual acreditamos que tal medida seja fruto de constituições à proporção que lacunas e silenciamentos até então oprimidos, passaram a ser tematizados como campo de discussões e saberes científicos.

No entanto, mesmo que afirmamos paulatino aumento frente os estudos existentes, seja salutar considerarmos que tais aspectos não denotam a real necessidade de que se emergem cada vez mais discussões e apropriações das Ciências Humanas capazes de contribuir significativamente para com os avanços frente aos campos da Educação Sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressaltamos ao findar desta pesquisa, que há inúmeros posicionamentos que influenciar-se-ão a forma como a sexualidade irá se desenvolver no que se diz respeito ao desenvolvimento das pessoas e suas ressignificações nas sociedades, a partir do(s) (des)afeto(s); dos cuidados recebidos durante a infância; da presença ou não de violência; dos vínculos de amizade e amores; do recebimento e pertencimento de orientações nos espaços escolares, familiares e de convivências; da educação na família, sendo primordiais os valores e informações que dispomos sobre sexualidade (des)construídos no meio em que vivemos, como nos comportamos, e pelas experiências vivenciadas.

Pelo objetivo, ao traçarmos enquanto propositura neste âmbito, pudemos compreender que apesar dos avanços gradativos quanto aos estudos em Educação Sexual no século XXI, ainda são incipientes os estudos que retratam as interfaces desta área associada às pesquisas que se aprofundem nas condições e vicissitudes da Formação de Professores.

A busca por conteúdos temáticos na referida área do conhecimento científico, bem como as práticas do fazer leituras independentes, foram essencialmente capazes de nos relativizar quanto ao espaço de aproximação – falar, discutir, conhecer, pesquisar e para tanto, sistematizar os materiais ainda carecem de iniciativas que necessitamos como medidas para compreender o quanto são necessárias que as estruturas escolares estejam dispostas e interessadas frente as alarmantes lacunas existentes para e por uma Educação Sexual humanizadora.

Assim, finalizamos com as convicções de que cada vez mais são oportunas as efetivas formações nos campos de Educação Sexual, a fim de construirmos alicerces fundados a transformar o processo de educação, pautados nos princípios do conhecimento, formação de cidadania e respeito às pessoas. Afirmam Maia e Ribeiro (2011, p. 80) [...] “a formação do educador é fundamental. Cada vez mais se torna necessário que o professor receba formação para atuar em processos de educação sexual seja na sua formação acadêmica ou em projetos de educação continuada”.

REFERÊNCIAS

ALVES, G. S. V.; PEREZ, M. C. A. ANÁLISES EM EDUCAÇÃO SEXUAL E GÊNERO NA FORMAÇÃO INICIAL EM PEDAGOGIA. **Revista Científica Semana Acadêmica**. Fortaleza, ano MMXXI, Nº. 000204, 11/01/2021. Disponível em: <https://semanaacademica.com.br/artigo/analises-em-educacao-sexual-e-genero-na-formacao-inicial-em-pedagogia>. Acesso em: 16/02/2021.

ARGENTI, P. C. **Sexualidade, educação sexual e gênero: uma análise destas temáticas nas produções de um programa de pós-graduação em educação sexual**. Dissertação. (Mestrado Profissional em Educação Sexual). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Campus Araraquara, SP, 2018.

BORGES, R. C. V. **Educação em sexualidade, sexualidade em gênero: desafios para professoras (es) do Ensino Infantil**. Dissertação. (Mestrado Profissional em Educação Sexual). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Campus Araraquara, SP, 2017.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. **Temas transversais: orientação sexual**. v. 10.5. 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2021.

CAMILO, V. C. S. **Infância, Gênero e Educação Infantil: percepções e ações na formação continuada dos educadores**. Dissertação. (Mestrado Profissional em Educação Sexual). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Campus Araraquara, SP, 2019.

CAMILO, V. C. S.; PEREZ, M. C. A. GÊNERO E EDUCAÇÃO INFANTIL: AUSÊNCIAS E AÇÕES NA FORMAÇÃO DOS EDUCADORES. **Revista Científica Semana Acadêmica**. Fortaleza, ano MMXIX, Nº. 000174, 17/07/2019. Disponível em: <https://semanaacademica.com.br/artigo/genero-e-educacao-infantil-ausencias-e-acoes-na-formacao-dos-educadores>. Acesso em: 16/02/2021.

COSTA, A. P. **As concepções de sexualidade um grupo de alunas do curso de pedagogia: uma análise a partir do recorte de gênero**. Dissertação. (Mestrado em Educação Escolar). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Campus Araraquara, SP, 2009.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Revendo a história da educação sexual no Brasil: ponto de partida para construção de um novo rumo. **Nuances**, v. 4, n. 4, p. 123-33, 1998.

_____. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio**. Londrina: Eduel, 2010.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação Sexual: princípios para ação. **Doxa**, v.15, n.1, p. 75-84 2011.

MOREIRA, D. A. F.; PEREZ, M. C. A.; RIBEIRO, P. R. M. **Identidade cultural e mídia: revisão literária.** Anais VIII Encontro Ibero-Americano de Educação. Araraquara: FCL-Unesp, 2013.

RIBEIRO, P. R. M. (2004). Os momentos históricos da educação sexual no Brasil. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação: aproximações necessárias.** São Paulo: Arte & Ciência. pp. 15-25.

_____. A institucionalização do conhecimento sexual no Brasil. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação: aproximações necessárias.** São Paulo: Arte & Ciência. pp. 27-71.

RUIS, F. F. **Ser menino e menina, professor e professora na Educação Infantil: um entrelaçamento de vozes.** Dissertação. (Mestrado Profissional em Educação Sexual). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Campus Araraquara, SP, 2015.

SOUZA, A. P.; MILANI, D. R. C.; RIBEIRO, P. R. M. A Educação sexual e o papel do educador: reflexões a partir de um contexto social em transformação. **Dialogia**, São Paulo, n. 34, p. 95 - 106, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/Dialogia.N34.16635>.

VIEIRA, H. E. S. **A construção dos saberes docentes: um olhar sobre as experiências de professoras da disciplina de História acerca da temática de diversidade sexual.** (Mestrado em Educação Escolar). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Campus Araraquara, SP, 2014.